



A FOME TEM CORPO SOCIAL E POLÍTICO: ESTRELA(S) DA EXTERIORIDADE

Marina Maura de Oliveira Noronha¹

Edgar César Nolasco²

Resumo: O artigo propõe uma discussão teórica sobre a presença da fome como uma ferida colonial consequência de uma injustiça social, política e epistêmica da matriz colonial de poder. Nesse sentido, o diálogo efetuado é construído a partir do corpo epistêmico fronteiro entendendo que tal corpo esbarra no projeto da modernidade. O corpo fronteira é um corpo que (re)significa formas de ser e estar no mundo por estar apoiado em seu lócus de enunciação, a fronteira-sul, com sua própria história e memória subalterna latinas. Tais afirmações críticas serão desenvolvidas sob a égide da crítica biográfica fronteira (NOLASCO, 2015) por nos ajudar a pensar melhor a partir de uma teorização fronteira que está em contraposição às imposições de pensamentos teóricos e conceituações modernas. Logo, no âmbito das políticas sociais internas, nunca alcançaram as necessidades dos corpos e lugares da exterioridade, dos sujeitos da diferença que continuam não contemplados. Nesse caso, o trabalho pautado na teorização fronteira e nos conceitos de “corpo fronteira”, “ferida colonial”, “exterioridade” e a “fome” consiste em tratar a ferida colonial presente nos corpos e lugares não lembrados pelos projetos hegemônicos. Ainda como desdobramento crítico a partir da teorização em reflexão conta com a obra *A hora da estrela* (2020), de Clarice Lispector, por encenar na narrativa do livro um corpo fronteiro e faminto como o de Macabéa, e que pode ser entendidos como retrato de muitos outros corpos pensados de dentro do próprio Brasil, corpos de “uma subclasse de gente mais perdida e com fome” (LISPECTOR, 2020. p. 30), iguais àquelas gentes com fome amarela, sentida repetidas vezes por Carolina Maria de Jesus.

Palavras-chave: Corpo-Fronteira; Teorização Fronteira; Ferida Colonial; Exterioridade; fome.

HUNGER HAS A SOCIAL AND POLITICAL CORPOWER: STAR(S) OF EXTERIORITY

Abstract: *The article proposes a theoretical discussion about the presence of hunger as a colonial wound, a consequence of social, political and epistemic injustice in the colonial matrix of power. In this sense, the dialogue carried out is built from the borderline epistemic body, understanding that such a body collides with the project of modernity. The frontier body is a body that (re)signifies ways of being and being in the world because it is supported by its locus of enunciation, the southern frontier, with its own history and subaltern Latin memory. Such critical statements will be developed under the aegis of borderline biographical criticism (NOLASCO, 2015) for helping us to think better from a borderline theorization that is in opposition to the impositions of theoretical thoughts and modern conceptualizations. Therefore, within the scope of internal social policies, they never reached the needs of the bodies and places of exteriority, of the subjects of difference that remain unthought. In this case, the work based on border theorization*

¹ Doutoranda - PPGEL/FAALC/UFMS. Bolsista FUNDECT. ORCID: 0000-0002-2324-7829.

² Doutor em Literatura Comparada - UFMG. Professor dos cursos de Graduação em Letras e do PPGEL/FAALC/UFMS. Bolsista de produtividade em pesquisa CNPq. ORCID: 0000-0002-8180-585X.

and the concepts of “frontier body”, “colonial wound”, “exteriority” and “hunger” consists of treating the colonial wound present in bodies and places not remembered by hegemonic projects. Still as a critical development based on theorizing in reflection, there is the work *A hora da Estrela* (2020), by Clarice Lispector, for staging in the book's narrative a borderline and hungry body like Macabéa's, and which can be understood as a portrait of many other bodies thought from within Brazil itself, bodies of “a subclass of people who are more lost and hungry” (LISPECTOR, 2020. p. 30), equal to those people with yellow hunger, felt repeatedly by Carolina Maria de Jesus.

Keywords: *Body-Border; Border Theorization; Colonial Wound; Exteriority; Hunger.*

Introdução

A moça que pelo menos comia não mendigava, havia toda uma subclasse de gente mais perdida e com fome. (LISPECTOR, 2020, p.30)

A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago. Comecei a sentir a boca amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida? Parece que quando eu nasci o destino marcou-me para passar fome. (JESUS, 1960 p. 39-40)

Tais ideias também têm sido associadas a práticas políticas indesejáveis, por trás do sonho de total racionalização da sociedade. (QUIJANO, 1992, p. 19)

Este trabalho visa ler de um modo outro o livro *A hora da estrela* (2020), de Clarice Lispector, sob um viés de percepção político/social/epistêmico. Nesse sentido, objetivo engendrar uma teorização de ordem descolonial perpassada pelos conceitos “corpo fronteira”, “ferida colonial”, “exterioridade” e a “fome”. Como propósito de repensar tal questão e para melhor alcançar o postulado pela teorização proposta, metodologicamente este artigo faz parte da minha tese de doutoramento intitulada “Escrevo com o corpo: (inter)corporeidade em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector”, a discussão se volta para pensar a realidade brasileira atravessada pela política atual no Brasil, tendo como contraponto uma reflexão crítica guiada pela presença dos corpos dos envolvidos na ação Rodrigo S.M./Clarice Lispector/Macabéa. Nesse ponto em particular, o estudo passeia entre as vozes e os corpos ali presentes na obra, demandando a necessidade de se deter, por exemplo, na inter-relação entre literatura e política no Brasil de hoje.

Nesse contexto, a obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector a partir do seu projeto político se desenha nas entrelinhas da escritura e da vida de Clarice, tais

problemáticas levantadas pela escritora são entrevistadas quando afirma: “esta história acontece em estado de emergência e de calamidade pública” (LISPECTOR, 2020, p. 08) por sua vez, meu pensamento crítico funda a prática conceitual que venho chamando de teorização política e que mantereí um diálogo, ou melhor, uma conversa à la Walter Mignolo epistêmica política. Aliás, sobre isso, as questões sociais/política ditada pela obra não diferem muito da realidade na qual nos encontramos nestes (últimos anos 2019-2022) com a política atual do Brasil.

Por uma teorização política

Neste artigo, como desdobramento para reflexão pensando o Brasil atual social e político com base na obra explicitamente o livro *A hora da estrela*. Daí advém à necessidade de uma prática de teorização política que se volta para aqueles corpos invisíveis e des-iguais, como o de Macabéa, a personagem estrela da obra, mas também para àquelas gentes com fome amarela, como a sentida repetidas vezes por (Carolina Maria de Jesus), no qual o direito ao grito é reivindicado a partir desses corpos. A obra em discussão contrasta as políticas internas com sua prática moderna, cujo tópico tem sido pensado e estudado ainda das modernas práticas teóricas, *grosso modo*, de forma sistematizada pelas “práticas políticas indesejáveis, por trás do sonho de total racionalização da sociedade” (QUIJANO, 1992, p. 19) endossado pela razão colonial do poder, mantido com seu *modus operandi* preservado na continuidade de classificação/desclassificação de corpos e lugares desobedientes a esses padrões de raça, gênero e classe estabelecidos.

Tal perspectiva política e social na obra é relevante ao retratar corpos que se lançam e se movimentam por fora do sistema colonial do pensamento, nesse sentido, por voltar-se para corpos e lugares, assim como o de Macabéa, que pode ser entendido como retrato de muitos outros corpos pensados de dentro do próprio Brasil, corpos de “uma subclasse de gente mais perdida e com fome” (LISPECTOR, 2020. p.30) de justiça social/política e epistêmica. Logo, no âmbito das políticas sociais internas, nunca alcançaram as necessidades dos corpos e lugares da exterioridade, dos sujeitos da diferença que continuam não contemplados.

Com base nesses conceitos, a discussão recai na fome como uma ferida colonial consequência de uma injustiça social, política e epistêmica da matriz colonial de poder. Nesse sentido, o diálogo efetuado é construído a partir do corpo epistêmico fronteiro entendendo que tal corpo esbarra no projeto da modernidade. Tais afirmações críticas

são pensadas sob a égide da crítica biográfica fronteira (NOLASCO, 2013) por nos ajudar a pensar melhor a partir dessa teorização fronteira que está em contraposição às imposições de pensamentos teóricos e conceituações modernas.

Por isso, o corpo fronteiro aqui pensado como produtor de saber é um corpo que (re)significa, por estar apoiado em seu lócus de enunciação sua própria história e memória subalterna latina. Considerando o exposto, optamos teorizar acerca de um *corpo epistêmico fronteiro* que se encena a partir da narrativa da obra, sem desconsiderar o fato de que o corpo do intelectual pesquisador também se insinua e se encena no jogo da teorização fronteira. Na verdade, há um jogo de intercorporeidades internas e externas encenado na reflexão teórica. É nessa direção que o conceito de “aliado hospitaleiro”, do filósofo brasileiro Juliano Garcia Pessanha, pode nos ajudar na fundamentação teórica:

Tudo depende da hospitalidade do aliado e da imersão no halo da atenção envolvente. E o que é um aliado hospitaleiro? Aliado hospitaleiro é aquele que permite ser devorado, canibalizado e criado pelo outro pólo no duo bipolar. O aliado hospitaleiro permite a confusão no tráfego de gestos e todo tipo de mergulho extático na área surreal da intercorporeidade. Aliado hospitaleiro é aquele que proíbe o uso do termo *objeto* para designá-lo e que não vê plágio e roubo por parte de seu em-frente. Nos duetos originários, o “roubo” é consentido, pois o outro é, simultaneamente, outro e minha própria obra, isto é, eu mesmo (PESSANHA, 2018, 71).

Ainda sobre a importância de nossa inquirição acerca de um corpo epistêmico fronteiro a partir de nossa leitura do livro, e lembrando que tal corpo transita no projeto da modernidade, nossa teorização se sustenta naquele lugar, ou a partir daquele lugar qual contempla a presença de todos os corpos excluídos do modelo de corpo moderno e do modelo de pensamento excludente defendido pelo sistema capitalista e mercadológico que impera no mundo e no pensamento. Nesse sentido, é preciso “aprender a desaprender para, assim, re-aprender a cada passo” (MIGNOLO, 2008, p. 305) com esses corpos *outros*. Em seu livro *Desobediência epistêmica* (2010), ao tratar acerca da teorização política da gramática da descolonialidade, Mignolo volta a afirmar:

Por lo tanto, el primer paso en la gramática de la descolonialidad podría ser dado, utilizando una expresión procedente de los documentos de la Universidad Intercultural de los Pueblos Indígenas del Ecuador, mediante el “aprender a desaprender, para poder así re-aprender”. Dussel e Fanon nos dan dos puntos de partida sólidos para hacerlo, el primero

relacionado con la geopolítica epistémica y el segundo con la corpo-política epistémica. (MIGNOLO, 2010, p. 98).

A proposta maior desse trabalho como recorte da minha tese de doutorado centra-se nos postulados da descolonialidade, tendocomo recorte epistemológico a crítica biográfica fronteira e a discussão conceitual daí advinda, como já salientamos, especificamente porque ambas as reflexões críticas têm comobase para sustentar sua discussão a presença da corpo-política como aponta a passagemacima. De acordo com Nolasco (2013), os corpos/sujeitos fazem parte de um lócus de enunciação geoistórico e cultural específico. Por isso, não podemos mais reforçar o discurso do centro que insiste que esses corpos continuem sendo “descartes” de um pensamentoepistêmico ideológico (histórico e geográfico privilegiado) que não considera corpos *outros* como pensantes e capazes de produzirem conhecimento, saberes e movimentos epistêmicos outros, como os corpos encenados em *A hora da estrela*. É nessa direção que Nolasco afirma:

Compete à crítica que opta pela opção descolonial exumar essas memórias e histórias esquecidas e reinseri-las no debate contemporâneo, respeitando seus lugares e corpos nos quais elas vivem, bem como também não querer tirá-las de sua condição de exterioridade e querer analisá-las à luz da razão universal (interioridade do pensamento ocidental). (NOLASCO, 2013, p.117-118).

Para pensarmos o(s) corpo(s) epistêmico(s) que se encena(m) na escritura do livro, aqui está para o entendimento - uma escritura *outra*, que parte da/na própria experiência vivida e nos menores detalhes, “no corpo e em suas sensações” (SANTIAGO, 2024 p. 236). Esse gesto de desobediência epistêmica pode ser a melhor forma de re-ler a obra em questão. Nesta reflexão, podemos pensar a Macabéa, Carolina de Jesus e muitos outros corpos nos dias atuais, cujo corpos retratam a dura e crua realidade pública da sociedade brasileira. Curioso que a intelectual Clarice Lispector já tinha uma resposta possível para isso: dizia que os problemas da justiça social despertavam nela um sentimento tão básico, tão essencial que não conseguia escrever sobre eles. Era algo óbvio. Não havia o que dizer. Bastava fazer... (LISPECTOR *apud* SANTIAGO, 2014, s/p).

Considerando que nosso trabalho se volta para o entendimento de que a obra a partir da personagem Macabéa carrega a realidade pública da sociedade para além da morte no corpo, ela está para a vida e para morte, ou melhor, para a sobrevivida. E é de sobrevivida e sobre corpos que trata a obra *A hora da estrela*. A morte é quase personagem predileta da narrativa. Enfim, corpos e indivíduos ali se sobrepõem e se

intercorporam, embaralhando a presença e a nomeação do que quer que seja. Corpo pobre, feminino, mulato, faminto e famélico se insinua na ordem do discurso, `a espera de ser estudado pela ótica da visada descolonial. O estudo persegue um modo de ler que, às vezes, até de inscreve fora da literatura, mas sempre dentro da realidade, sobretudo, mostrar a partir, de uma ética que preside o pensamento descolonial.

Essa discussão conceitual encaminha-se para uma fundamentação maior que contempla o campo das relações entre os corpos, os des-sujeitos e a narrativa literária que encontramos no livro *A hora da estrela*. Visando contornar o corpo e sua presença na escritura, vamos nos valer, como já dito, dos postulados da Crítica biográfica fronteiriça, a qual, conceitualmente, pode ser entendida e tem por preocupação:

Dessa forma, a crítica fronteriza articulada das histórias locais tem o poder de barrar aqueles discursos críticos acadêmicos e científicos articulados nos grandes centros mais desenvolvidos em todos os sentidos (econômico, tecnológico, etc). Não é demais reconhecer que o homem da fronteira sul, ou melhor, o homem-fronteira, a exemplo dos brasiguaios, do andariego do pântano e do cerrado, do vaqueiro, andarilho, do pantaneiro, do refugiado, do deserdado, do forasteiro, do sem-terra, entre outros sujeitos atravessados da região fronteira, demanda uma epistemologia (ou epistemologia outra) crítica visando que seu lócus de movimentação (de não-lugar) seja compreendido em toda sua extensão e problematização (NOLASCO, 2013, p.78).

A importância do estudo sobressai quando se pontua que o jogo da encenação das (inter)corporeidades, com todas suas variações, se inscreve nesta teorização como condição necessária para se pensar as práticas epistêmicas levadas a cabo em *A hora da estrela*. Entendemos, também, que os corpos fronteiriços, a exemplo do de Macabéa, são constituídos do seu “lócus de enunciação” (fronteira), demandando, por conseguinte, uma epistemologia *outra* que compreenda *seu lócus de movimentação em toda sua extensão e problematização*. Corpos como o de Macabéa não estão fora do lugar; antes, e pelo contrário, situam-se na margem do sistema e do próprio pensamento.

Pensar e agir descolonialmente são as saídas para contrapor o pensamento ocidental/moderno através das práticas teóricas - que não fez outra coisa gerar o apagamento do sujeito diferente não ocidental/moderno. Reforçamos aqui que nossa *opção pelo bios é teórica*, ou seja, minha inscrição se orienta nessa reflexão por uma teorização, ou opção descolonial, como opção de vida, uma vida com meu corpo situado na/da fronteira-sul que sente, vive e escreve de onde se pensa - meu corpo que é e sabe que nesse jogo da vida tem história e memórias em trânsito das minhas idas e vindas

dos lugares, inclusive de onde eu nasci, cresci e pensei lugar esse geograficamente conhecido pelas montanhas de Minas Gerais. Porém, aqui estou, no horizonte sul-mato-grossense, meu corpo se projeta no entorno desse lugar fronteiro que eu hoje “habito e a partir do qual anoro meu discurso, minha *teorização* ao outro, ao mundo e a mim mesmo” (NOLASCO, 2020, p.66).

Conclusão

Por fim, escolhi tratar nessa reflexão a partir de uma teorização inter-corporal “entre o corpo e o lugar, ou melhor, entre o corpo e a paisagem que, de alguma forma, o situa, e o faz, em um lugar específico” (NOLASCO, 2020, p. 67). Mas antes, no plano da teorização política, implicam um *desprender-se* das amarras teóricas que desconsiderou as memórias, histórias e os corpos de acordo com Nolasco (2013), os corpos que fazem parte de um lócus de enunciação geoistórico e cultural específico. Por isso, não podemos mais reforçar o discurso hegemônico presidido pelas teorias modernas que insistem que esses corpos continuem sendo “descartes” de um pensamento epistêmico ideológico (histórico e geográfico privilegiado) que não considera corpos *outros* como pensantes e muito menos capazes de produzirem conhecimento, saberes e movimentos epistêmicos *outros*, como os corpos de Rodrigo S.M./Clarice Lispector/Macabéa encenados em *A hora da estrela*, e outros, iguais àquelas gentes com fome e sem corpo, como Carolina Maria de Jesus.

Referências

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. (Des)política para corpos-política na arte, na cultura e na educação. In: **Revista de Educação**. UFP, Caruaru, v.6 N. 10 [2020].

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1960.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**: Dossiê: Literatura, língua e identidade, n.34, p.287-324, 2008. Disponível em: <www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf> Acesso em: 08 de fev. de 2023.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica**: retórica de la modernidade, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010 (Colección Razón política).

NOLASCO, Edgar César. Podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul? Tese de doutorado, UFMS, 2020.

NOLASCO, Edgar César. **Perto do coração selvaje da crítica fronteriza**. São Carlos. SP: Pedro & João Editores, 2013. 170 p.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. In: **Perú Indígena**, 13, 29, 1992, p. 1-20. Disponível em: <<https://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf>> Acesso em: 03/03/2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia desaberes. In: SANTOS & MENESES (ORG.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p.31-83.

SANTIAGO. Silvano. A política em Clarice Lispector. Rocco, 2014. Disponível em: <<https://www.rocco.com.br/blog/a-politica-em-clarice-lispector/>> Acesso em: 21/02/2023.